

FUNDAÇÃO DA FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO: A CONTRIBUIÇÃO DOS PROFESSORES ITALIANOS.

*Lucia Wataghin**

Fundação da Universidade de São Paulo. O papel da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFCL).

"Definir a Universidade não é fácil. Ela tem uma função de formação de pessoal. Por outro lado, para que essa formação possa ser a mais ampla e a mais fecunda é preciso que a Universidade também gere conhecimento, execute pesquisas."
(Oscar Sala, cit. por Tassara, 1988)

A Universidade de São Paulo foi fundada em 1934, durante o governo Vargas. A criação da Universidade de São Paulo deve-se aos esforços de um grupo de intelectuais "liberais", ligados ao jornal O Estado de São Paulo.

Entre os fundadores da Universidade, Júlio de Mesquita Filho e Armando de Salles Oliveira tiveram um papel da maior importância. Salles Oliveira, paulista, tinha obtido de Getúlio Vargas a posição de "interventor federal", em troca da cessação dos movimentos constitucionalistas em São Paulo. A Universidade de São Paulo representou uma reação do grupo "do Estado" à derrota da revolução constitucionalista de 1932. A Universidade era um momento essencial de um projeto de "reconstrução nacional" mais ambicioso, sob a hegemonia da "Comunhão Paulista." De acordo com esse grupo, a reconstrução nacional só poderia acontecer a partir da reconstrução da educação nacional. (cfr. Cardoso, 1982, cap. I) (1)

* Profa. do Depto. de Letras Modernas da FFLCH/USP.

(1) De acordo com Schwartzman, também, é "claro que as preocupações básicas de Júlio Mesquita Filho eram antes políticas do que propriamente educacionais (Antunha, 1974, p. 88). Tratava-se de um projeto político em que a formação acelerada de uma elite cultural recebia alta prioridade." (Schwartzman, 1979, p. 194)

Apesar de a Universidade de São Paulo ter nascido sob um governo de direita, nela prevaleceu a concepção liberal-elitista da educação pública (2). A USP se inspirou em princípios democráticos, e seus objetivos declarados foram uma cultura “livre e desinteressada” e o estudo da concreta realidade brasileira.

Entre os principais objetivos da Universidade de São Paulo estavam: a formação da futura classe dirigente brasileira, a renovação da escola primária e secundária através da formação de professores, a renovação dos métodos de pesquisa científica, a formação de especialistas em todos os campos da cultura e da ciência. Sem dúvida, a realização dos objetivos originários da Universidade ultrapassou os limites do Estado de São Paulo e hoje diz respeito a todo o Brasil:

“O sonho de Armando de Salles Oliveira e seus colegas era o de criar uma instituição onde as pessoas aprendessem a realidade, entendessem a realidade nacional, antes de agir. Essa era a reação de São Paulo à humilhação de 32. Eu acredito que isso tenha sido conseguido não como uma compensação pela derrota de São Paulo na revolução constitucionalista de 1932, mas como uma contribuição muito importante para a modernização do Brasil.” (José Goldenberg, Entrevista, cit. por Tassara, 1988)

O papel da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFCL)

“A criação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo representa um marco de fundamental importância no desenvolvimento científico do país. Ela institucionalizou e profissionalizou a pesquisa científica no país (...) Eu acho que uma das experiências mais notáveis que se realizou em termos de universidade, foi a criação da Faculdade de Filosofia da USP (...).” (Oscar Sala, cit. por Tassara, 1988)

“...mas realmente a fase nova da ciência brasileira começou com a criação das Faculdades de Filosofia.” (Mario Schenberg, 1984, p. 45)

No momento da sua fundação, a USP incorporou, junto à nova Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, as seis antigas instituições oficiais: a Faculdade de Direito, a Faculdade de Medicina, a Faculdade de Medicina Veterinária, a Escola Politécnica, a Escola Agrícola “Luiz de Queiroz” e a Escola de Farmácia e Odontologia. Além disso, era prevista a abertura da Faculdade de Ciências Econômicas e Administrativas e da Escola de Belas Artes. (3)

A grande inovação da Universidade de São Paulo foi a criação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, como uma “verdadeira” universidade, no sentido europeu da palavra. Os fundadores da USP se inspiraram no modelo universitário alemão, em relação à questão da autonomia da universidade, ou seja da liberdade acadêmica, à questão da indissolubilidade do ensino e pesquisa, e em relação à importância da investigação científica independente

(2) Sobre o mito “liberal-democrático” da fundação da Universidade de São Paulo, veja a análise (polêmica) de Irene Cardoso, 1982

(3) Além das seis instituições oficiais (ou seja mantidas pelo governo), no momento da fundação da Universidade, existiam em São Paulo mais cinco instituições particulares de educação superior: A Faculdade de Filosofia de São Bento, a Faculdade de Filosofia “Sede Sapientiae”, a Escola Livre de Sociologia e Política, a Escola Paulista de Medicina, a Escola de Engenharia Mackenzie. (cfr. Souza Campos, 1954)

e desinteressada (cf. Antunha, 1971, I parte). Nas intenções de seus fundadores, a FFCL devia ser “o eixo de gravitação” de toda a universidade, “*um centro de cultura filosófica e um foco poderoso de atividades científicas*” (Azevedo, 1958, pp. 216-217). De fato, a FFCL foi a “cabeça” da nascente universidade, incorporando (embora lentamente e com graves dificuldades) as preexistentes instituições oficiais, que até então tinham sido simples escolas superiores profissionalizantes.

Certamente, um dos fatos que garantiram o sucesso do projeto FFCL foi a vinda dos professores estrangeiros. Nos primeiros anos, o quadro docente da FFCL era formado praticamente só por professores estrangeiros e era inevitável que eles acabassem determinando o rumo da universidade:

“(...) a influência exercida por esta magnífica equipe em nosso meio é simplesmente incalculável. A transformação que se operou na atmosfera cultural de São Paulo é de proporção revolucionária. O espírito que se irradia das secções que a eles se dedicam na FFCL já vai contaminando os Institutos afins que integram a Universidade, obrigando-os a acelerar sua evolução e se colocarem ao nível daquela Faculdade.” (Júlio Mesquita Filho, cit. por Witter, 1984, p.77)

A contratação de professores estrangeiros.

“A vinda dos professores estrangeiros era indispensável e foi o fato fundamental. Foram os professores estrangeiros que instituíram no Brasil a moderna pesquisa científica e a moderna investigação intelectual, inclusive os hábitos de trabalho científico.” (Antonio Candido, Entrevista, jul/1991).

Um francês, Georges Dumas, foi incumbido dos contatos e da escolha dos professores franceses. Os franceses, contrariamente aos italianos e aos alemães, no momento do convite da Universidade de São Paulo, não eram ainda professores consagrados, mas sim “promessas”, na opinião de Georges Dumas. Em geral, a escolha de professores estrangeiros foi claramente determinada por considerações políticas: era natural que a França fornecesse, quase exclusivamente, os professores das áreas de humanas, por causa da tradicional hegemonia cultural francesa no Brasil; mas era forte também a idéia de que se devia impedir o ingresso das ideologias autoritárias, italianas, ou alemãs, na Universidade de São Paulo:

“Ora, éramos irredutivelmente liberais, tão convictamente liberais, que nos julgávamos na obrigação de tudo fazer para que o espírito que inspirasse a organização da Universidade se mantivesse exacerbadamente liberal. (...) Essa nossa posição obrigava-se a evitar que as cátedras da Faculdade de Filosofia pudessem cair nas mãos de adeptos do credo italiano, sobretudo aquelas que mais aptas se mostravam a influir na formação moral da nossa juventude. Concorria para complicar o problema o fato de contar São Paulo com um número elevado de filhos da Península, a maioria dos quais não escondia as suas propensões para aceitar as diretrizes da Roma fascista. Ameaça de monta e tanto mais digna de nossos cuidados quanto cada dia se mostrava mais impertinente a pressão que sobre o governo paulista exerciam a colônia e o governo italianos. Pretendiam impor a vinda de numerosos membros das universidades fascistas para integrar a nova congregação. Contornamos a dificuldade oferecendo à Itália algumas das cadeiras de

ciência pura - análise matemática, geometria, estatística, geologia, mineralogia e língua e literatura italianas. Conservávamos para a França, líder da liberal-democracia, aquelas de que dependia diretamente a formação espiritual dos futuros alunos: filosofia, sociologia, economia política, política, geografia humana, letras clássicas e língua e literatura francesas. As demais - química e história natural - seriam preenchidas por alemães expulsos, ou em vésperas de o ser, de sua pátria pelo hitlerismo. Assim, evitava-se a quebra do sentido liberal da evolução brasileira." (Mesquita, 1969, cit. por Schwartzman, 1979, p. 199-200)

Um dos membros da comissão de fundação da universidade, o matemático Teodoro Ramos, foi enviado à Europa para seleccionar os cientistas para a Universidade de São Paulo. Os contatos com os alemães, professores já consagrados, mas opositores do governo, ou judeus, foram feitos pessoalmente e não através das instituições alemãs, já que se estava no começo das leis racistas do Terceiro Reich. Ao contrário, o contato com os italianos foi feito através da Academia das Ciências.

Os governos francês e italiano favoreceram a iniciativa da Universidade de São Paulo, encorajando seus professores a aceitar o convite do estado de São Paulo. Aos professores italianos e franceses foi garantida remuneração dobrada (do governo brasileiro e do governo do país de origem), e reconhecida a validade dos anos de trabalho no Brasil para todos os efeitos da carreira na pátria.

De fato, em seus primeiros anos de funcionamento, a Universidade de São Paulo contou com professores de várias nacionalidades: italianos, nas áreas de matemática, física, geologia, mineralogia e língua e literatura italiana; alemães, em química, botânica e zoologia; franceses, nas ciências humanas. Além disso, em 1935, foi convidado um professor português, Francisco Rebelo Gonçalves, da Universidade de Lisboa, para ocupar a cadeira de Filologia Portuguesa. Há de se notar, também, que já o anuário da Faculdade de 1934-35 registra a presença de alguns professores brasileiros: André Dreyfus (Biologia Geral), Plínio Airoso (Etnografia Brasileira e Língua Tupi-Guarani), Alfonso de Taunay (História da Civilização Brasileira), Antonio Soares Romeo (Física), Luis Cintra do Prado (cadeira de Física para Ciências Naturais).

Os professores estrangeiros foram recebidos com hostilidade por parte das velhas Faculdades de Medicina e de Direito (que se sentiram lesadas pela criação da USP) e por parte do antigo partido republicano, através do jornal *A Gazeta*, o qual promovia autênticas campanhas contra a Faculdade de Filosofia, e particularmente contra os professores estrangeiros. Witter registra um curioso artigo da *Gazeta*, de 7 de julho de 1938, no qual se afirma que era inútil criar uma Faculdade de Filosofia, já que não existiam professores brasileiros para compor seu quadro docente (Witter, 1984, p.76). Do mesmo teor são outras considerações, citadas por Eurípedes Simões de Paula:

"Outro motivo de incompreensão em relação à nossa Faculdade, foi o fato de ter o governo de Armando de Salles Oliveira enviado o saudoso prof. Teodoro Ramos, nosso primeiro diretor, à Europa, em busca de professores para as disciplinas em que, entre nós, não havia especialistas à altura de uma Faculdade de nível superior. Tivemos, então, um movimento de repulsa pela Faculdade. Muitos autodidatas se insurgiram contra ela, sentindo-se prejudicados. Um deles propunha-se apenas para professor de Literatura

Mundial... Como esse, muitos, e alguns ainda aparecem na diretoria da Faculdade, dispostos a lecionar quatro, cinco, seis disciplinas diferentes: são especialistas "polivalentes". Isso mostra que, apesar de 18 anos de vida de nossa Faculdade, ela não conseguiu ainda ser compreendida mesmo por parte de nossos intelectuais." (Discurso de Eurípides Simões de Paula, cit. por Antunha, 1971, p. 103)

Fora isso, os professores estrangeiros foram bem acolhidos no Brasil, e mais tarde se reconheceu a importância de seu papel no desenvolvimento da ciência e na renovação da educação superior no Brasil:

"A principal faceta dessa contribuição construtiva está no que ela significou para o nosso desenvolvimento intelectual: 1) pôs-nos em contacto com os resultados das investigações literárias, científicas ou filosóficas, alcançadas até o presente pelos grandes centros universitários europeus; 2) impediu a deformação do ensino superior pelos pseudo-especialistas nativos. Isso significa, de um lado, que as missões docentes estrangeiras deram-nos um rico ponto de partida para as nossas atividades universitárias. De outro, que lhes cabe a glória de ter estabelecido um novo padrão de vida intelectual, aplicável ao ensino superior, desviando-o da antiga tradição escolástica e pré-científica, a que nos habituáramos. É indubitável que não teríamos alcançado o sucesso que atingimos, sem sua colaboração generosa, constante e produtiva, que desempenhou a função de verdadeira revolução intelectual. Os que louvam os efeitos da chamada "Semana de Arte Moderna" deveriam atentar para esse episódio mais recente, o único que teve, de fato, significação revolucionária e produziu resultados duradouros." (Fernandes, 1966, p.214)

Quanto à questão de uma possível atitude "colonialista" por parte dos professores estrangeiros, é interessante registrar o depoimento de Antonio Candido:

"(...) a presença dos mestres estrangeiros ocorreu num momento em que o Brasil já havia amadurecido a visão de si mesmo, e criado um equipamento cultural que, embora modesto, era capaz de receber influências sem se desfigurar. (...) houve uma ponderável contra-corrente, com o Brasil influenciando sobre o temário, a sensibilidade e a visão do mundo dos nossos mestres europeus.

Por aí se vê que a presença estrangeira não foi alienante, mas instauradora, na medida em que nos dotou de iniciativa. Caio Prado Júnior, o grande mestre, me contou diversas vezes que aprendeu com Pierre Deffontaines a ver a sua terra, que antes apenas olhava. Não espanta que a nossa Faculdade, na sua estrutura gloriosamente complexa dos anos que vão de 1934 a 1969, tenha sido ponto de referência tão importante para toda a universidade brasileira. Ela foi, sem dúvida, um acontecimento fundamental na história da cultura do país (...)" (Souza, 1984, p.118)

Por outro lado, nota Antonio Candido (entrevista, 1991), o fato de que todas as aulas fossem dadas em línguas estrangeiras é sinal da presença de um certo colonialismo cultural; hoje em dia isso seria impossível. Em todo caso, o interesse era recíproco: é verdade que a participação estrangeira foi muito útil para a Universidade de São Paulo, mas por outra parte é verdade que a ocasião foi altamente estimulante também para os jovens pesquisadores estrangeiros:

"Foi uma aventura fascinante, para todos os jovens professores franceses, serem atirados de um dia para o outro no fantástico Brasil. (...) Em vez de seguir

uma carreira sossegada, monótona e cômoda na França, era o fato de termos de inventar e de nos envolver em confusão. (...) Eu adorava ajudar os jovens a descobrir seu próprio país, que eles pouco conheciam. Eu os ensinava a ver suas próprias paisagens, o que era emocionante.” (Pierre Monbeig, Viagem à memória da USP, cit. por Witter, 1984, p. 78)

O entusiasmo criativo e didático dos novos professores (correspondido pelos alunos) é constantemente enfatizado nos depoimentos de todos que participaram da vida universitária da época: a FFCL foi um espaço real, uma possibilidade real, para aqueles professores, de criar “novas escolas” de pensamento e de pesquisa.

A principal novidade introduzida pelos professores estrangeiros foi a indissolubilidade do ensino e da pesquisa. Isto em um país onde o ensino até então tinha sido perpetuado sem variações por gerações de professores, que eram profissionais liberais e não pesquisadores, nem cientistas.

“Nessa ocasião, tive a oportunidade de seguir os cursos de análise matemática, do prof. Luigi Fantappiè; de geometria, do prof. Giacomo Albanese; e de física, do prof. Gleb Wataghin. É desnecessário dizer que, ao iniciarmos esses cursos, ficamos completamente deslumbrados, porque fomos postos em contato, pela primeira vez, com um mundo completamente diferente. Em nossa formação de futuros engenheiros ainda recebíamos aquele tipo de aula bem característica da maior parte das universidades brasileiras: o professor entra, dá sua aula e vai embora; não conversa com os alunos e com frequência usa um livro ultrapassado. Eram professores que não eram pesquisadores, tinham outras profissões (...) o engenheiro formava o engenheiro, e o engenheiro ia formar outro, e assim por diante, lecionando sempre as matérias básicas. Por isso nós achávamos, por exemplo, que ciências como matemática, química, física etc., representavam algo que já estava completamente resolvido, cristalizado e morto.” (Damy, cit. por Schwartzman, 1979, p. 224-225)

“O que me deslumbrou primeiro em Rebelo Gonçalves (Filologia) e depois em Fidelino de Figueiredo (Literatura Luso-Brasileira), ambos da missão portuguesa, ou nas aulas do poeta italiano Ungaretti e demais professores estrangeiros, é que eles não estavam preocupados em dar uma aula e sim, continuar a desenvolver uma especulação, ou teorização, ou pesquisa. Nós éramos como que solicitados a trabalhar na sua criação, contagiá-los seu ímpeto criativo.” (Prof. Soares Amora, em “USP, marco da ciência no Brasil”, cit. por Witter, 1984, p. 103)

Para dar um exemplo da mudança de mentalidade introduzida pelos professores estrangeiros, conta Antonio Candido:

“Os professores estrangeiros transformaram profundamente, e criaram uma nova mentalidade, que se generalizou. Então, repito, os professores estrangeiros fundaram em larga escala a moderna pesquisa científica e a moderna investigação intelectual, e transformaram os hábitos mentais. Dou um exemplo, nas ciências humanas, que eram cultivadas sobretudo na Faculdade de Direito (não havia ensino superior de Letras no Brasil), o bonito era a improvisação, o bonito era um professor dar aula sem papel na mão. Eu tinha professores na Faculdade de Direito que citavam os decretos de cor, número dos decretos, datas dos decretos de cor. A Universidade de São Paulo trouxe o hábito do professor chegar com o curso preparado, abrir e consultar as notas.

Havia velhos professores que eu conhecia que diziam assim: "Fazer como os professores italianos e franceses não é difícil, eles colam tudo!" E o timbre da nobreza intelectual no Brasil era a capacidade de improvisação. Eu conheci professores brasileiros eminentes que mesmo quando preparavam as aulas, fingiam que estavam improvisando. Os estrangeiros mudaram. Depois deles, mesmo quando o professor não prepara a aula, aqui no Brasil, ele leva um papel para fingir que preparou." (Souza, Entrevista, jul/1991)

Os professores italianos.

Da primeira leva de professores contratados em 1934 pela Universidade de São Paulo faziam parte:

Gleb Wataghin (Física Geral e Experimental) (1934-1949)

Ettore Onorato (Mineralogia e Geologia) (1934-1938)

Luigi Fantappiè (Análise Matemática) (1934-1939)

Francesco Piccolo (Língua e Literatura Italiana) (1934-1937)

Nos anos seguintes, os anuários da Faculdade registram:

Giacomo Albanese (Geometria) (História das Matemáticas) (1936 - abril 1942)

Luigi Galvani (Estatística) (1936 - abril 1942)

Ottorino de Fiore di Cropani (Paleontologia e Geologia) (1937-1942)

Giuseppe Ungaretti (que substitui Francesco Piccolo, na cadeira de Literatura Italiana) (1937- abril 1942)

Attilio Venturi (Língua e Literatura Grega) (1938-1939)

Giuseppe Occhialini (1938 - abril 1942)

Carlo Tagliacozzo, (professor "contratado", para dar o curso de Teoria Matemática da Eletricidade) (1/3 a 31/12/1944)

Vittorio De Falco - (Língua e Literatura Grega) (1/3/1939 a 24/4/1942).

Narciso Mensciassi Lupi - assistente da cadeira de Geometria (abril 1938- abril 1942).

O convite aos professores italianos foi para o governo italiano uma ocasião para reafirmar a própria política de expansão imperialista. Por isso, os primeiros professores foram escolhidos com todo cuidado entre as personalidades mais eminentes nas respectivas áreas. Eles deviam representar a Itália em um país onde a comunidade italiana era grande e forte.

Os estrangeiros, sobretudo os franceses, assustavam um pouco a classe dirigente paulista, porque muitos deles eram simpatizantes ou militantes da esquerda. Por isso, nos contratos dos professores estrangeiros existia uma cláusula, que os proibia de qualquer manifestação política. Isto valia inclusive para os italianos, embora eles em geral não fossem absolutamente de esquerda (exceto Occhialini):

"Os italianos em geral eram todos fascistas" - conta Antonio Candido (entrevista, 1991, b) - O único antifascista era Occhialini. Wataghin não era fascista, mas não se manifestava. Os outros, Ungaretti, Galvani, Fantappiè usavam o distintivo do partido fascista. (Só Wataghin e Occhialini nunca usaram). Nenhum deles era político, ninguém ligava. O barão Ottorino de Fiore também não era fascista. Ficava quieto."

A história da "missão" italiana termina em 1942. A maioria dos professores italianos volta à Itália, chamada de volta pelo governo italiano, por

causa da guerra. Partem Ungaretti, Galvani, Albanese, De Falco. Ficam Wataghin (que não era italiano o bastante para sentir-se seguro na Itália fascista em estado de guerra), Occhialini (que era nitidamente antifascista), e o barão Ottorino de Fiore, que na época estava doente, e não pôde embarcar no navio para Itália.

Diz-se até mesmo, no caso dos físicos, que o governo inglês vetou seu regresso à pátria, porque os considerava perigosos por suas pesquisas em física nuclear. De fato é possível que, nos dois casos, a decisão de ficar no Brasil tenha sido absolutamente espontânea. Em todo caso, ambos foram afastados de cargos importantes na Universidade de São Paulo, porque o Brasil tinha entrado em guerra contra o Eixo, ao lado dos Aliados.

A contribuição italiana em Física. (Gleb Wataghin, Giuseppe Occhialini)

“Ele é um dos poucos exemplos que conheço, na ciência internacional, de alguém que inicia um trabalho num meio onde não havia qualquer tradição. E, em poucos anos, criou uma escola de reputação internacional. É realmente inacreditável.” (Damy, cit. em “Gleb Wataghin, o criador da Física no Brasil”)

Gleb Wataghin nasceu perto de Kiev (Ucrânia), em 1899, e naturalizou-se italiano nos anos vinte. Estudou no famoso Liccu de Kiev - ao qual sempre atribuiu grande importância para a sua formação de cientista. Formou-se em Turim em Física (1922) e em Matemática (1923). Em 1924 foi contratado como professor da Escola Politécnica de Turim. O nome de Wataghin foi indicado a Teodoro Ramos por Enrico Fermi. A primeira resposta de Wataghin ao convite de Ramos foi não, porque receava, vindo ao Brasil, ficar isolado da comunidade científica internacional. Mas acabou aceitando por duas razões: de um lado, as condições financeiras oferecidas pela Universidade de São Paulo resolveriam sua situação econômica, que era difícil na época anterior; de outro lado, em sua qualidade de refugiado russo não teria vida fácil na Itália naqueles anos:

“(...) Teodoro Ramos me convidou em Roma para conversar pessoalmente, ele, Fermi e também meu professor de Turim, Peruca. Me convenceram (...) Estava o fascismo; eu não podia ficar lá. E também me fizeram compreender que era difícil que eu pudesse conseguir um lugar de professor catedrático na Itália.” (Boletim Informativo, 1982, Entrevistas com o professor Gleb Wataghin, 228, p.5)

Inicialmente, portanto, aceitou o convite por apenas seis meses. No Natal de 1934 voltou à Itália e, constatando que o fascismo estava se fortalecendo, resolveu voltar para o Brasil para aqui ficar. (cf. Boletim Informativo, 1982, Entrevistas com o professor Gleb Wataghin, 229, p.3)

Quando chegou em São Paulo, em 1934, pediram-lhe para dar o curso “completo” de física: *“Eu fazia a física experimental e teórica e a mecânica teórica, o que já era muita coisa. (...) Além disso, me disseram, é preciso criar um laboratório experimental.”* (Wataghin, entrevista, cit. por Schwartzman, 1984, p. 254)

Refere Omar Catunda: *“A Física, quando começou, foi instalada no quarto andar da Escola Politécnica, numa sala que era, ao mesmo tempo, a sala dos professores, tinha uma oficina, tinha a sala de café e era sala de aulas. Mas tinha uma pessoa. Tinha o professor Wataghin. Ele criou, com a personalidade*

dele, personalidade científica, ele criou a Física em São Paulo.” (cit. por Tassara, 1988)

Uma grande qualidade de Wataghin era sua capacidade de contagiar os alunos com seu entusiasmo pela ciência. Sobre isso, escreve Tullio Regge, prêmio Nobel de física:

“Era stato in tutti i paesi del mondo, conosceva tutti, aveva giocato a scacchi contro il campione del mondo Alekhin, cenato con Rachmaninoff e conosciuto Ungaretti in piroscifo, naturalmente andando in Brasile. Ero ancora uno studentello al Politecnico quando ne sentii parlare dagli amici che avevo all’Università. Infine una telefonata di Alessandro Terracini mi permise di incontrare Gleb Wataghin nel suo ufficio di Via Pietro Giuria 1. Entrai ingegnere e ne uscii fisico sognando ad occhi aperti.” (Regge, 1986)

As aulas de Wataghin, publicadas, transformaram o ensino da física no Brasil. O “estilo” das aulas, e algumas inovações, como os seminários, tiveram uma influência notável na mentalidade dos alunos da época:

“Ao chegar da Itália - onde lecionava em Turim - Wataghin balançou as estruturas do ensino convencional, principalmente no estilo das aulas. A tradição, de fato, mandava que se transmitissem ao estudante unicamente os conhecimentos inscritos nos livros. Por isso, sua primeira aula foi um impacto, desde o momento que entrou sorrindo e foi logo tirando o paletó - fato espantoso. (...) Num seminário, Wataghin falou durante meia hora. No final, um outro professor italiano ergueu-se e gritou: “Mas essa explicação está toda errada!” E ambos começaram a discutir, ante o olhar embasbacado dos alunos. (...) Marcelo Damy lembra:

“Seminário, até aquela época, possuía apenas a conotação de estabelecimento que recebia jovens para a carreira eclesiástica. Nossos seminários de Física, porém, eram reuniões onde esses professores apresentavam resultados de suas pesquisas, que eram discutidas com a maior liberdade. Aprendemos, então, que existia uma Física viva, que estava sendo criada e desenvolvida. E que era perfeitamente natural que cientistas pudessem ter dúvidas sobre esse assunto, e pudessem fazer perguntas que humildemente revelassem a ignorância do interessado.” (“Gleb Wataghin, o criador da Física no Brasil”)

Chegando ao Brasil, por um breve período Wataghin se encontrou efetivamente isolado, no campo das pesquisas em física:

“(...) eu não podia falar com ninguém porque não tinha uma pessoa que soubesse física como deveria saber para fazer pesquisa. Mas eu já logo na primeira turma encontrei duas pessoas muito prometedoras, que prometiam muito. Eram Mário Schenberg e Marcelo Damy de Souza Santos.” (“Boletim Informativo”, 1982, “Entrevistas com o professor Gleb Wataghin”, 229, p.4)

Sobre Mário Schenberg, Wataghin acrescenta:

“No primeiro momento, ele se inscreveu em engenharia, porque dizia que engenharia garantia um futuro. Mas tendo freqüentado as nossas aulas disse: “Não, tenho que fazer ciência.” Ele veio falar comigo e eu disse: “Olhe, o senhor tem muito talento para a matemática. Experimente falar com Fantappiè - que era mais moço do que eu, mas era o melhor matemático (entre os moços) da Itália. Muito bem, tinha um grande defeito: era fascista. Ele soube que Mário era israelita e comunista, e disse: “Não, vai com Wataghin.” Eu disse: “Mas eu sou feliz, venha trabalhar comigo.” (“Boletim Informativo”,

1982, "Entrevistas com o professor Gleb Wataghin", 229, p.5)

Um dos fatores determinantes do sucesso do prof. Wataghin em fundar uma escola brasileira de física de nível internacional, foi seu esforço constante para favorecer os contatos entre os pesquisadores brasileiros e os europeus (e mais tarde, os norte-americanos):

"Em geral - com Mário Schenberg, com Lattes - eu tratava de mandá-los para a Europa, depois de dois ou três anos de estudo. Enviei Mário Schenberg a meu amigo Dirac, que considero o maior físico teórico vivo. Fui à Europa com Schenberg e passamos pela Itália, a caminho da Inglaterra. Encontrei Fermi e pedi que ele falasse com Schenberg. Foi então que Fermi convenceu Schenberg a trabalhar com ele. A mesma coisa fiz com os físicos experimentais. Alguns foram para Inglaterra, Cambridge, como Lattes. Eles me escreviam, mostrando soluções para problemas técnicos, como melhorar um circuito que tínhamos feito aqui, por exemplo. Assim, aprendi com meus alunos. E os formei, ajudado por grandes físicos de toda a Europa, da Alemanha, Inglaterra e Itália. (...) O contato com a Europa era fundamental." (Wataghin, cit. por Schwartzman, 1984, p. 226)

Em São Paulo, Wataghin se dedicou a duas linhas de pesquisa: uma em física teórica (com Mário Schenberg, Paulo Saraiva de Toledo, Abraão de Moraes), e outra em física experimental (com Marcelo Damy de Souza Santos, Paulus Aulus Pompéia e Yolande Monteux).

De acordo com Damy, Wataghin era *"um físico teórico muito voltado para a parte experimental"* (cit. por Schwartzman, 1979, p. 255). *"Wataghin era, fundamentalmente, um físico teórico (...), jovem, de muito sucesso, de uma Escola muito boa. Havia ganho, inclusive, um prêmio da Academia do Vaticano, com um resumo, um texto fantástico, que havia escrito sobre a mecânica quântica da época, que era uma coisa ininteligível. Era um físico muito bom, mas não era um físico experimental. Mas ele tinha uma qualidade que poucos físicos teóricos têm (...): Ele sabia que a Física é uma ciência natural e que toda teoria tem (que) ser baseada na experiência e que muitas vezes uma linda teoria é derrubada por um experimento."* (Marcelo Damy, cit. em Hamburger, 1990)

Em física teórica, Wataghin trabalhou em problemas de mecânica estatística, de relatividade geral, teoria da gravitação, com especial atenção aos problemas relativos às radiações cósmicas.

Em Física experimental, Wataghin escolheu o campo das pesquisas sobre os raios cósmicos. Esta escolha foi significativa, porque se tratava de um campo aberto, novo, no qual os físicos brasileiros tiveram a possibilidade de realizar pesquisas importantes, sem grandes gastos de dinheiro. Explica Damy:

"Para a Física experimental ele (Wataghin) dirigiu todos os esforços do grupo, no estudo dos raios cósmicos - que era um campo aberto, permitindo realizar pesquisas de fronteira da mais alta significação. E com investimento extremamente pequeno de dinheiro." (Marcelo Damy, cit. em "Gleb Wataghin, o criador da Física no Brasil")

Conta Wataghin:

"Nesta época tive a sorte, já desde 1936, de encontrar ótimos alunos e colaboradores. (...) encontrei em duas pessoas, Marcelo Damy de Souza Santos

e Paulus Pompéia, uma ajuda fundamental. Eles eram experimentais verdadeiros, e sabiam construir circuitos elétricos, soldar, tudo isto. E depois tinha um mecânico, Bentivoglio, de origem italiana, nascido em São Paulo, que foi um ótimo elemento que nos ajudou muito.” (“Boletim Informativo”, “Entrevistas com o professor Gleb Wataghin”, 1982, 228, p. 5-6)

Em 1937, Damy se tornou assistente de Wataghin:

“No grupo que foi organizado pelo prof. Wataghin, eu tinha a responsabilidade pela construção dos contadores, o planejamento e a construção dos circuitos, além de participar das pesquisas. Assim iniciamos, em 1937, a construção de detectores e dos circuitos, no meio de dificuldades imensas. Todo o trabalho era feito por nós.” (Damy, cit. por Schwartzman, 1979, p.256)

Em 1938, chegou à USP Giuseppe Occhialini. Occhialini era um físico realmente brilhante, mas ele também não tinha muito futuro na Itália, porque era abertamente antifascista. Wataghin conta:

“Eu o chamei, porque ele era antifascista. O pai dele, que era meu amigo, me disse: “Veja se ele aceita vir.” Eu escrevi: “Caro Occhialini, venha, de qualquer forma, depois vou procurar um lugar de professor para você.” (“Boletim Informativo”, 1982, “Entrevistas com o professor Gleb Wataghin”, 229, p.6)

Occhialini era autor, junto com Blackett, de importantes estudos sobre as técnicas de individuação de partículas nos raios cósmicos:

“Tivemos a sorte de ter, no Brasil (1938), um físico que havia trabalhado no maior laboratório do mundo (Cambridge), nos problemas mais importantes da época e participado de uma descoberta fundamental (a produção de pares elétron-pósitron) (...) Quando ele chegou, trouxe essa tecnologia experimental toda, (o) que foi, realmente, um passo decisivo, que nos levou a encarar a Física Experimental de modo diferente.” (Damy, cit. em Hamburger, 1990)

Wataghin e Damy continuaram suas pesquisas com a colaboração de Occhialini: estavam procurando a produção múltipla de mésons.

Nos anos 39 e 40, Damy esteve com bolsa do British Council, em Cambridge, onde pesquisou novas técnicas de individuação e medição dos raios cósmicos.

Enquanto isso, Paulus Pompéia tornou-se assistente de Wataghin. Em 1939, começou a colaboração de Pompéia, Occhialini, Wataghin, com o americano Arthur Compton. Compton convidou Pompéia a trabalhar com ele em Chicago, em técnicas de medição, e no aperfeiçoamento do circuito elétrico de Reich. Em 1941, o grupo Damy, Pompéia e Wataghin realizou a importante descoberta denominada “Penetrant Showers”:

“Pouco antes da entrada dos Estados Unidos na Segunda Guerra, entretanto, teve lugar no Brasil o que se denominou de Expedição Compton. (...) Compton, em contato com Wataghin, havia planejado medir as radiações cósmicas nos Andes bolivianos e em São Paulo. Para tal, a Expedição contava com o auxílio da Fundação Rockefeller, por iniciativa de Compton; e da Academia Brasileira de Ciências e do então interventor do estado de São Paulo, Adhemar de Barros, por iniciativa de Wataghin. Em julho de 1941, Pompéia veio ao Brasil para, juntamente com Wataghin e Damy, preparar os detalhes da expedição científica. Vinte e um balões atmosféricos carregados com pesos equivalentes ao peso dos contadores de Compton foram soltos em Marília e Bauru (onde Wataghin conheceu Oscar Sala). Desta forma, Wataghin detectou,

pela primeira vez, o que hoje ainda se chama de showers penetrants, ou seja, a produção múltipla de mésons." (Schwartzman, 1984, p. 258) (4)

Em 1941, Occhialini, Yolande Monteux e Marcelo Damy publicaram os resultados de outra pesquisa sobre a influência de um eclipse solar sobre as radiações cósmicas.

Nesses anos, Occhialini tornou-se grande amigo de Oswald de Andrade, amicíssimo de Paulo Emílio Salles Gomes, de Ruy Coelho. Segundo Antonio Candido, de todos os italianos, Occhialini era o único que freqüentava intensamente os brasileiros. Era totalmente assimilado aos brasileiros, apesar de ser muito amigo também de alguns italianos, como Giuseppe Ungaretti e Gleb Wataghin.

Após a entrada em guerra do Brasil, a situação dos professores italianos que ficaram no Brasil sofreu mudanças. Pelo anuário da Faculdade de 1939-49, resulta que Occhialini não faz mais parte do corpo docente, a partir de abril de 1942. Porém, ele ficou no Brasil, e Schwartzman registra que trabalhou em São Paulo em 1943 com o brasileiro César Lattes. Em 1944, mudou-se para Bristol, e para lá, logo em seguida, convidou também Lattes. Em Bristol, Occhialini descobriu, junto com Lattes e Powell, o méson (π), como componente da radiação cósmica.

Wataghin também (por ser italiano) não podia participar do "esforço bélico" do Instituto de Física, que suspendeu todas as pesquisas em raios cósmicos, para se dedicar a estudos de balística, a projetos de aparelhos para detectar submarinos, radar etc. Wataghin deixou a Damy a direção do Instituto de Física e prosseguiu suas pesquisas sobre a produção de "penetrant showers", com Oscar Sala e Elza Gomide. Conta Sala:

"O primeiro problema, naturalmente, que nós enfrentamos é que tínhamos que construir toda a aparelhagem. Foi essa a responsabilidade primeira que eu tive: pensar numa aparelhagem já bem mais sofisticada do que a que tinha sido utilizada anteriormente por Marcelo Damy e Paulus Pompéia." (cit. por Schwartzman, 1979, p. 262).

Tudo isso, naturalmente, sem meios: *"Eu me lembro que, para a minha manutenção em Campos de Jordão, para o transporte das coisas, não tínhamos verba nenhuma. Nenhuma. O professor Wataghin tirava dinheiro do próprio bolso; procurávamos pessoas conhecidas da sociedade para solicitar auxílios para que as experiências pudessem ser realizadas."* (cit. por Schwartzman, 1984, p. 262)

Sala e Wataghin realizaram várias experiências em Campos de Jordão e conseguiram medir, pela primeira vez, o coeficiente de absorção das radiações cósmicas.

Quando a guerra terminou, a Fundação Rockefeller doou à Universidade de São Paulo 75 mil dólares para comprar um acelerador de partículas. Damy e Wataghin escolheram nos Estados Unidos um Bétatron de 23 Mev. O Bétatron marcou o começo da física nuclear brasileira. O Departamento de Física da USP começava a abandonar suas pesquisas sobre os raios cósmicos e a dedicar-se à física dos aceleradores de partículas.

(4) No começo de 1942, os Estados Unidos entraram na guerra. Foi suspensa a colaboração científica entre Brasil e Estados Unidos. Compton tornou-se diretor do Metallurgical Laboratory, onde, junto com Fermi e outros, construiu a bomba atômica.

Em 1949, Wataghin regressou à Itália e assumiu a direção do Instituto de Física da Universidade de Turim, que conservou até 1971. Foi Sócio Nacional da Accademia dei Lincei a partir de 1961, e Sócio Nacional da Accademia delle Scienze de Turim desde 1950. Foi também Conselheiro Estrangeiro da Academia das Ciências da Ucrânia (Kiev) e da Academia das Ciências do Brasil. Do Brasil, Wataghin recebeu vários reconhecimentos: a Ordem do Cruzeiro do Sul, o título de doutor honoris causa da Universidade de São Paulo e da Unicamp. Além disso, recebeu a homenagem dos amigos e colaboradores brasileiros, que deram o seu nome ao Instituto de Física da Universidade Estadual de Campinas (1971).

A contribuição italiana em Matemática.

O primeiro dos professores italianos a chegar em São Paulo foi Luigi Fantappiè. “Aparentemente”, segundo Schwartzman, Fantappiè era o “líder político da missão italiana.” Nascido em Viterbo em 1901, Luigi Fantappiè teve uma carreira rápida e brilhante. Foi assistente de Francesco Severi em Roma. Com apenas 29 anos era professor titular em Palermo. Recebeu em 1929 a “Medalha de Ouro para Matemática” da Sociedade Italiana de Ciências, e em 1931 o prêmio Volta para Matemática da Real Academia da Itália.

Na Universidade de São Paulo, Fantappiè deu cursos de Análise de Funções Analíticas (que foram redigidos e publicados por Omar Catunda) e cursos especiais sobre o cálculo de Volterra, sobre os funcionais analíticos, sobre a teoria de Galois, de introdução à teoria dos números, grupos de Lie, e outros, no esforço de modernizar o ensino da análise matemática no Brasil. Fundou na Faculdade a primeira biblioteca de matemática do país.

Os matemáticos Candido Silva Dias e Omar Catunda foram seus alunos:

“Portanto, a contribuição dele no sentido de criar ambiente e ensinar, enfim, aqui, diversas teorias, foi muito grande. E um outro fato em que ele se empenhou muito, e que foi muito importante, foi um seminário que de início, pelo menos em 35 e 36, era de Matemática e Física, em colaboração com Wataghin. Eu me lembro das conferências, inclusive do Mário Schenberg, no Instituto de Engenharia - o seminário era lá, e a repercussão foi muito grande.” (Dias, 1984, p. 65)

A importância de Fantappiè como matemático está ligada principalmente à sua teoria dos Funcionais Analíticos:

“Voltemos ao curso de 1936, sobre a Teoria dos Funcionais Analíticos (...); esse curso foi realmente notável. Os primeiros trabalhos de Fantappiè sobre esse assunto foram de 1925, isso verifiquei anteontem aí na Biblioteca, e seu grande trabalho sistematizador da teoria foi publicado em 1930 e apresentado por Severi e Volterra. Mas, de 30 até a época deste curso, evoluiu bastante na apresentação da teoria.” (Dias, 1984, p. 65)

A influência de Fantappiè acontece sobretudo no campo do cálculo funcional: Omar Catunda, Candido Silva Dias, Mário Schenberg publicam trabalhos originais sobre os funcionais - e Catunda e Silva Dias escrevem teses sobre o cálculo funcional:

“Na época, tinha também uma aplicação de interesse, inclusive em Física, que era o cálculo de Funções de Matrizes. Nesse sentido, o primeiro trabalho de pesquisa, aqui, lá do setor, e que foi publicado, era uma nota de

Omar Catunda, aliás bem interessante, que estendia esse Cálculo das Matrizes a Funções de Funções de Matrizes.” (Dias, 1984, p. 65)

Fantappiè obteve as primeiras bolsas de estudo na Itália para estudantes brasileiros. A este propósito, Candido Silva Dias lembra:

“Era o empenho do Fantappiè em levar alunos ou professores à Itália, mesmo que fosse por um período de quatro ou cinco meses, de novembro a março. Em 1938, ele convidou o Catunda e a mim. O Catunda foi e eu não, por circunstâncias familiares, ia nascer o primeiro filho. Essa curta viagem foi muito útil ao Catunda. Ele elaborou um trabalho importante nos fundamentos da teoria do Fantappiè e fez também um trabalho significativo sobre Sistemas Diferenciais Totais (...)” (Dias, 1984, p. 66-67)

Fantappiè voltou à Itália em 1939, para assumir a cadeira de Análise Superior em Roma. Entre seus merecimentos, está também o de ter convidado à Universidade de São Paulo Giacomo Albanese, em 1936. Albanese, nascido perto de Palermo em 1890, era formado na Universidade de Pisa. Vencera o prêmio Ulisse Dini em 1913. Foi assistente de Ulisse Dini (em Pisa) e, em seguida, de Francesco Severi (em Pádua). Quando chegou ao Brasil, era já professor titular em Palermo e Pisa. De 1929 até 1936, tinha sido professor na Real Academia Naval de Livorno. Albanese introduziu vários cursos na USP:

“(.) continuamos até 1942 a contar com a colaboração de Albanese. Este veio em 1936 e introduziu aqui diversos cursos. Cursos de Geometria Algébrica e em dois outros campos, que tiveram repercussão. Um deles, de Geometria Diferencial, um dos primeiros nesse campo que se realizavam aqui, e outro sobre Fundamentos da Matemática. Esta segunda direção foi muito mais frutífera e deu origem a diversas teses, e não só de doutoramento, como por exemplo a de cátedra do Furquim. E o curioso é que a parte geométrica que constituía o núcleo da pesquisa do Albanese e que era a Geometria Algébrica não teve maior repercussão. Com exceção de um trabalho do Castrucci, que se não me engano, é sobre Curvas de Terceira Ordem, assunto da tese de doutoramento dele em 43.” (Dias, 1984, p. 67-68)

A partir de 1939 foi assistente de Albanese um outro italiano, Narcisio Mensciassi Lupi, que voltou à Itália com os outros, em abril de 1942.

Outros dois matemáticos italianos (que trabalhavam na Faculdade Nacional de Filosofia do Rio de Janeiro), Achille Bassi e Gabriele Mammana, prestaram sua colaboração à Universidade de São Paulo. No segundo semestre de 1940, Mammana deu um curso sobre “Cálculo das Variações”; Achille Bassi deu um curso de “Topologia Combinatória” nos meses de julho e agosto de 1942. A propósito de Mammana e Bassi, Silva Dias lembra:

“Bom, aí vem o período da guerra. No início de 1940 contamos com a colaboração de G. Mammana, temporária, porque em agosto de 42 o Brasil entra em estado de guerra contra a Itália, e suspendem a colaboração. Esse foi também o caso do professor A. Bassi, que tinha sido contratado para o Rio junto com o Luigi Sobrero e o Mammana. Em 1942, ele veio temporariamente para São Paulo e deu um curso interessante. Tratava-se do primeiro curso sistemático sobre Topologia Algébrica (...) Lembro-me do sentimento profundo de desagrado, tanto dele como nosso, por aquela colaboração ser interrompida.” (Dias, 1984, p.68)

Além disso, registramos a contribuição de um outro matemático italiano, Carlo Tagliacozzo (judcu foragido no Brasil), que deu o curso de Teoria Matemática da Eletricidade, de 1/3 a 31/12/1942.

Estatística (Luigi Galvani, 1936-1942)

De família bolonhesa, Galvani nasceu em Pesaro. Iniciou a carreira como matemático, tornando-se assistente de Álgebra e Geometria Analítica em Bolonha, e mais tarde de Cálculo Infinitesimal em Cagliari. Em seguida, interessou-se por estatística e tornou-se assistente de Gini, o primeiro presidente do Instituto Central de Estatística do Reino de Itália, um dos maiores do gênero, onde dirigiu a Repartição de Estudos e Cartografia. O Anuário da FFCL de 1936 registra que o citado Instituto foi criado "*dadas as necessidades e multiplicidades de funções do Estado no regime fascista.*" Foi secretário do Conselho Superior de Estatística do reino de Itália, e professor titular de Estatística na Universidade de Nápoles. Publicou trabalhos de matemática, de estatística metodológica, demográfica, econômica. Outras notas de sabor ideológico, no anuário FFCL 1936: "*Entre estas (publicações do prof. Galvani) citam-se, principalmente, os ns. 70 a 75, por se referirem ao importante inquérito sobre a fecundidade da mulher italiana.*" (p. 302), e alguns títulos de publicações, como: "*Previsão de desenvolvimento dos povos brancos*" ("Relação à Comissão Nacional Italiana para a Cooperação Intelectual, sob impressão em 1936).

Em São Paulo, Galvani publicou estudos sobre as séries estatísticas, sobre algumas características demográficas de São Paulo, sobre a distribuição do coeficiente de crescimento vegetal nos municípios do estado de São Paulo.

Conta Antonio Candido que Galvani era uma pessoa civilíssima, distintíssima, já na época uma figura de outros tempos, e que era um professor extraordinário, extremamente claro, extremamente competente. Deixou uma forte impressão em muitos de seus ex-alunos (que ainda não esqueceram sua severidade).

A contribuição italiana nas Letras (Francesco Piccolo, Giuseppe Ungaretti, Attilio Venturi, Vittorio De Falco).

Francesco Piccolo. (1934-1937)

O primeiro a ocupar a cadeira de Língua e Literatura Italiana da USP foi o prof. Francesco Piccolo, enviado pelo governo italiano no começo de 1934. Piccolo formou-se em Nápoles. Em 1925 conseguiu a livre-docência na Universidade de Roma. Entre suas publicações, lembramos: Ensaio de introdução à crítica do Romantismo (Nápoles, Detken), que estuda as origens do Romantismo, partindo de Herder e da estética hegeliana; História da crítica contemporânea (Nápoles, Ricciardi), uma história da crítica literária italiana de Foscolo, Gioberti, Mazzini, De Sanctis, até Croce; Zodíaco Literário, uma revisão crítica da literatura italiana; Novalis e outros ensaios de literatura alemã, sobre Goethe, Novalis e o segundo Romantismo alemão. Desde 1929, dedicou-se sobretudo a ensaios políticos: "Como caiu a Destra" (Milão, Treves) (publicado a pedido do Instituto Fascista de Cultura); "Escritores liberais desde 1860" (Florença, Sansoni) (publicado a pedido da Escola de Estudos Corporativos de Pisa). Publicou vários ensaios nas revistas "Voz" (edição política), "Educação fascista" (Roma), "Leonardo" (Florença), "Novos Estudos" (Roma), "Quadrívios" (Roma) e outras.

Na Universidade de Roma, Piccolo deu cursos sobre os escritores políticos do século XIX, sobre a literatura medieval e sobre as obras de Dante.

Foi professor da USP de 1934 a 1937 (mas já em março de 1937, no começo do ano acadêmico, foi substituído por Ungaretti na cadeira de Língua

e Literatura Italiana). No período que passou em São Paulo, estudou literatura brasileira e dedicou um ensaio a Cláudio Manuel da Costa. Deu cursos na USP sobre as origens das línguas românicas, sobre a cultura e a arte italiana dos séculos XIII, XIV e XVIII e sobre a Divina Commedia.

Giuseppe Ungaretti (1937-1942)

Por sugestão de Francesco Piccolo, que voltou à Itália no início de 1937, Antonio Almeida Prado convidou Ungaretti a ocupar a cadeira de Língua e Literatura Italiana.

Giuseppe Ungaretti era filho de emigrantes italianos no Egito. Nasceu em 1888 em Alexandria, e aí permaneceu até os 24 anos. Estudou na Ecole Suisse Jacot, que era então a melhor escola de Alexandria, e desde cedo se interessou por literatura e poesia. Em 1912 deixou o Egito para morar em Paris, onde entrou em contato com as vanguardas artísticas da época. Em 1914, no começo da guerra, mudou-se para Milão, e em 1915 foi chamado às armas, e mandado no Carso, e em seguida no fronte do Champagne na França. Em 1916 saiu seu primeiro volume de versos, *Il Porto Sepolto*. Em 1918, terminada a guerra, voltou à França e em 1920 casou-se com uma francesa, Jeanne Dupoix. Só em 1921 transferiu-se para a Itália, onde ficou até 1936, quando recebeu o convite da Universidade de São Paulo. Aceitou-o, inclusive porque as vantajosas condições oferecidas o aliviarão de graves dificuldades financeiras. Em março de 1937, deu seu primeiro curso de literatura italiana na Universidade de São Paulo. Na época, Ungaretti já era um poeta de fama internacional. (*Allegria di Naufragi* é de 1919, e *Il Sentimento del Tempo*, de 1933)

Em suas aulas de literatura italiana, Ungaretti tratou de San Francesco, Jacopone da Todi, Petrarca; deu cursos sobre Dante, Cavalcanti, sobre o humanismo italiano, sobre Leopardi e Manzoni; deu aulas sobre a métrica e sobre a língua italiana como língua de poesia, sobre Vico e sobre o Romantismo italiano.(5)

Entre as afirmações críticas mais significativas que Ungaretti trouxe em seus cursos de literatura italiana estão o conceito de poesia pura, o conceito de fragmento lírico, o valor da “memória”, ou da tradição (em oposição à estética de Croce), a necessidade da atenção ao texto, da análise do texto. A crítica, segundo Ungaretti, deveria simplesmente “aprender e ensinar a ler”. (Ungaretti, 1969, *Saggi e Interventi*, p. 182)

A relação de Ungaretti com o Brasil foi contraditória, desde o começo, talvez por causa de sua história pessoal de “*eterno ‘italiano all’estero’, rosa da una nostalgia precategoriale dell’Italia Terra Promessa*” (Stegagno Picchio, 1973, p. 28). Um exemplo de sua “saudade pre-categorial”, em uma lírica de 1918:

*Girovago./In nessuna/parte/di terra/mi posso/accasare/A ogni/nuovo/
clima/che incontro/mitrovo/languente/che/una volta/già gli ero stato/assuefatto/
E me ne stacco sempre/straniero/(...)* (Ungaretti, Giuseppe, em *L’Allegria, Vita d’un Uomo*, 1969, p. 85).

(5) Algumas das aulas brasileiras de Ungaretti foram publicadas no volume: Giuseppe Ungaretti, *Invenzione della poesia moderna, Lezioni brasiliane di letteratura*, a cura di Paola Montefoschi, Edizioni Scientifiche Italiane, Napoli, 1984.

Quando, em 1937, chega ao Brasil o choque é grande. Aos seus olhos, o Brasil representa a ausência de medida, o desequilíbrio, o caos, em contraposição à Itália, o país dos antepassados, da tradição, da continuidade. É o segundo encontro de Ungaretti com o barroco (o primeiro tinha sido em Roma). Diante da natureza exorbitante, da extravagante arquitetura barroca, Ungaretti declara:

“Voglio insomma confessare che devo al Brasile se ho capito il Barocco che tanto tormento dá, da lunghi anni, alla mia ispirazione e alla mia tecnica espressiva. Ho capito in Brasile chiaramente il valore di urto che era nel Barocco, e perché fra innocenza e memoria e tra natura e ragione l'incontro dovesse sempre manifestarsi violento (...)”. (Ungaretti, 1984, p. 253)

O Brasil é o emblema de um tema fundamental da poesia de Ungaretti, o binômio inocência e memória:

“(...) infine, c'è il Brasile, poiché è il paese nel quale lo scontro fra natura e ragione, come dice Leopardi, e tra memoria e innocenza, como oso dire io, mi é parso più evidente; e perché é il paese dove mi é sembrato che questo scontro potesse trovare, non senza sofferenza la sua soluzione ...” (Ungaretti, texto Bizzarri, p. 3)

Nos anos brasileiros, Ungaretti não publicou poesias. Em 1939, morreu o filho, Antonietto, de 9 anos, de apendicite mal curada. As poesias de Ungaretti que contêm mais referências ao Brasil e à morte do filho, fazem parte de *Il dolore*, que foi publicado só em 1947, e de *Un grido e paesaggi*, de 1952.

Uma ausência de medida (“dismisura”) caracteriza as imagens brasileiras de Ungaretti:

“Quanto à linguagem, Il Dolore nasceu em mim das imagens de desmedida aqui afrontada pela civilização com temeridade e eficácia, das imagens familiares e queridas da vossa poesia que se tornaram a substância de minhas novas palavras essenciais, do meu renovado tormento semântico, métrico, sintático, expressivo.” (Ungaretti, 1967, p.6)

Vejam algumas imagens de uma lírica de *Il Dolore*, Amaro Accordo, inspiradas na paisagem do Guarujá, onde o filho de Ungaretti costumava ficar observando as enormes tartarugas em baixo das águas:

(Per un amaro accordo dei ricordi/Verso ombre di banani/E di giganti erranti/Tartarughe entro blocchi/D'enormi acque impassibili:/Sotto altro ordine d'astri/Tra insoliti gabbiani).

Foram amigos de Ungaretti Antonio Candido, Ruy Coelho, Paulo Emílio Salles Gomes. Comenta Antonio Candido:

*“Tenho a impressão de que (a importância de Ungaretti para a poesia brasileira) não foi grande. Mas a sua presença despertou muito interesse, talvez mais pelo corte da sua personalidade, suas idéias sobre a poesia, a estética do fragmento, que nos ensinou, o modernismo poético, que costumava analisar. A influência maior deve ter sido entre alunos e amigos. Mário de Andrade conhecia bem a sua obra, assim como Manuel Bandeira, Henriqueta Lisboa, Vinicius de Moraes. Mas quem acabou mais ligado a ele foi Murilo Mendes, devido à sua longa residência na Itália a partir dos anos de 1950. Murilo se integrou muito na vida literária de Roma, e em 1961 saiu a edição bilingüe de seu livrinho *Finestra del Caos*, com a tradução de Ungaretti.”* (Souza, Entrevista, jun/ 1991)

Ungaretti traduziu para o italiano Oswald de Andrade (Pau-Brasil), José de Anchieta, Tomás Antonio Gonzaga, Antonio Gonçalves Dias, Mário de

Andrade, Vinicius de Moraes, Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira .

À pergunta, se acha que Ungaretti sofreu alguma influência por parte de poetas brasileiros, Antonio Candido respondeu:

"Não sei, mas não creio. Eu diria de maneira mais geral que na sua poesia aparecem sugestões do universo brasileiro, mas não deste ou daquele poeta. No grupo de poemas composto em parte no Brasil a que deu o título de "Un grido e paesaggi", no denominado "Monologhetto" há retornos, um dos quais em português:

Ironia, ironia

Era só o que dizia.

Mas há sobretudo "Semantica", de franca tonalidade amazônica, com seringueiras, redes suspensas, mosquitos e uma vaga fascinação indígena. Presença do país, portanto, mais que dos poetas. Foi a experiência brasileira genérica que o marcou, somando-se às outras nesse italiano de formação francesa nascido no Egito, levando-o a incluir o Tietê entre os "seus rios", ao lado do Nilo, do Sena, do Serchio, do Isonzo. Pena que não tenha escrito o livro que planejou sobre o Brasil." (Souza, Entrevista, jun/1991).

Em 1939, Ítalo Bettarello, ex-aluno de Ungaretti, brasileiro de origem italiana, foi nomeado assistente da cadeira de Língua e Literatura Italiana. A partir de 1942, Bettarello substituiu Ungaretti na direção do curso. Bettarello foi sempre muito ligado ao poeta. Deu vários cursos monográficos sobre a poesia de Ungaretti, estimulando o interesse do público brasileiro.

Attilio Venturi (1938-1939)

Em 1938, por causa do desdobramento do curso de Língua e Literatura Grega e Latina, foi chamado o prof. Attilio Venturi para ocupar a cadeira de Língua e Literatura Grega. Attilio Venturi, formado em Letras em Milão, foi catedrático de italiano, latim e grego nos liceus clássicos de Sondrio e de Bolonha. Em 1931, foi nomeado Diretor das Escolas Italianas no Estrangeiro e, a partir de 1935, foi diretor do Instituto Médio Ítalo-Brasileiro "Dante Alighieri." Entre suas publicações, lembramos: *A civilização romana: sua origem e desenvolvimento*, ed. Trevisini, Milano, 1923; e *Os Epigramas de Marziale*, Società Editrice Internazionale, Torino, 1931. Escreveu estudos sobre Heródoto, Virgílio, Homero, Horácio. Seus cursos na USP trataram de Xenofonte, Luciano, Platão, Homero, Demócrito.

Vittorio De Falco. (1939-1942)

Vittorio De Falco era professor catedrático da Universidade de Nápoles e tinha fama de grande helenista. Chegando à USP, reorganizou o ensino do grego na FFCL. Em seu programa figuravam, além da parte linguística (morfologia nominal e verbal, e sintaxe), cursos sobre os líricos gregos, desde os primórdios até Simônides de Céos. Em 1940, em um curso sobre os trágicos gregos, De Falco traduziu e comentou Antígona e Édipo-Rei. Em 1941, em colaboração com o prof. Aluizio de Faria Coimbra, De Falco publicou *Os elegíacos gregos de Calino a Crates*, com texto crítico, tradução em versos portugueses e notas.

Mineralogia e petrografia (Ettore Onorato), Paleontologia e Geologia (Ottorino de Fiore di Cropani)

Ettore Onorato nasceu em 1899, em Lucerna. Formou-se em Ciências Naturais, em Roma. Em 1924, foi nomeado assistente no Instituto de Mineralogia da Universidade de Roma. Em 1927, foi para Leipzig com uma bolsa de estudos, para aperfeiçoar-se na técnica de aplicação dos raios X ao estudo da matéria cristalina. Em 1930, obteve a livre-docência em Mineralogia e em 1931, era professor titular em Cagliari. Em 1933, venceu o prêmio Volta da Real Academia da Itália e foi para Manchester para visitar o laboratório de Cristalografia dirigido pelo prof. Bragg (que tinha ideado o método roentgenográfico para o estudo da estrutura dos cristais). No Brasil, Onorato publicou "Pesquisas Roentgenográficas sobre a leucita" (1938). Voltou à Itália em 1938, para assumir a cadeira de Mineralogia na Universidade de Gênova. Foi substituído na direção do Departamento pelo seu assistente, Reynaldo Ramos Saldanha da Gama.

No 2º semestre de 1937, tomou posse da cadeira de Paleontologia o prof. Barão Otorino de Fiore de Cropani, que era diretor do Instituto Geopaleontológico de Catania (Itália).

"O professor de Geologia e Paleontologia era uma figura curiosíssima. Era o barão Ottorino de Fiore di Cropani, um nobre siciliano... grande vulcanólogo, também. E embora a vulcanologia não fosse interessante para nós, porque no Brasil não há vulcões ... esse homem conseguia interessar a gente até em vulcões ..." (Erasmio Garcia Mendes, cit. por Tassara, 1988)

De Fiore era um apaixonado vulcanólogo, e veio ao Brasil, entre outras razões, também porque desejava ganhar pontos junto ao governo italiano a fim de participar do concurso para a direção do Instituto Vulcanológico do Etna (Sicília). Para poder aceitar o convite da Universidade de São Paulo De Fiore, como todos os funcionários do governo italiano, devia estar inscrito no partido fascista. Ele aceitou, mas não tinha previsto que era obrigatório também, chegando à universidade, vestir a farda fascista, uma roupa preta feita de um tecido chamado "orbace." O barão superou a dificuldade vestindo, na ocasião, a toga universitária italiana, que também era preta. O público pensou que se tratasse de um uniforme especial e saudou o barão como uma autoridade fascista. Mas De Fiore, longe de ser fascista, era simplesmente um nobre siciliano, conservador e tradicionalista. Para dar uma idéia de como foi delicada a situação política dos professores italianos em São Paulo na época, basta lembrar dos dois "processos De Fiore". Os italianos costumavam reunir-se no bar "Diana", na 7 de Abril, onde inclusive se dançava aos sábados de manhã. Quando começaram a chegar em São Paulo judeus italianos que fugiam das leis anti-semitas, o consulado italiano divulgou uma circular proibindo qualquer confraternização entre italianos e judeus. Ottaviano de Fiore conta que em certa ocasião o seu pai, Ottorino, se encontrava no Bar Diana, e, ignorando a circular, se levantou para apresentar aos colegas alguns amigos judeus, entre os quais o fisiólogo Foà e o médico Pincherle. Por isso, Ottorino foi submetido a um processo administrativo por anti-fascismo. Um pouco mais tarde, foi submetido a outro processo, desta vez por fascismo, tendo sido denunciado por um colega da Faculdade de Filosofia, que o acusava de usar as escalas de maré como sinalizações para os submarinos do Eixo.

A importância de De Fiore no Brasil se deve principalmente aos seus estudos sobre os Sambaquis.⁽⁶⁾ Participou de várias excursões, junto com Paulo Duarte, e com o prof. Hoge, do Instituto Butantã, no litoral do Paraná e de São Paulo, onde se defrontou com o problema da destruição sistemática dos Sambaquis, por parte das empresas de cal. Os cientistas e as empresas entraram enfim em um acordo, pelo qual era garantido aos primeiros pelo menos o tempo necessário para examinar os Sambaquis antes de sua destruição. Além dos estudos sobre os Sambaquis, De Fiore publicou (na Europa) um catálogo de moluscos brasileiros do Atlântico. A coleção de De Fiore foi doada pelo filho Ottaviano ao Museu Paulista de Zoologia (Ipiranga).

No Departamento de Geologia e Paleontologia da FFCL, De Fiore organizou as primeiras coleções, constituídas por várias séries, entre as quais: Petrografia Geral, Petrografia Brasileira, Estratografia Brasileira, Sambaquis paulistas, Malacologia paulista, Minerais das rochas. Durante a sua gestão, foi instalado um museu de Geologia.

Em suas excursões, De Fiore contraiu várias doenças tropicais. Quando em 1942, o governo italiano o chamou de volta à Itália, não estava em condições de viajar, e foi obrigado a ficar no Brasil. Foi afastado da USP, mas continuou seus estudos, inclusive colaborando com Assis Chateaubriand. Imediatamente após a guerra, voltou à Itália, para assumir a cadeira de Geologia em Catânia, e a direção do Instituto do Etna. A família De Fiore voltou também, mas não conseguiu se readaptar à vida na Sicília, e acabou voltando ao Brasil, onde vive atualmente.

BIBLIOGRAFIA

Relativa à fundação da Universidade de São Paulo e particularmente ao papel da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras:

ACADEMIA de Ciências do Estado de São Paulo. *Quem é quem em Ciência e Tecnologia no Estado de São Paulo*. São Paulo, ACIESP, 1976, vol. I.

AMARAL, Afrânio de. Evolução dos Institutos Científicos, in *Ensaio Paulistas*. São Paulo, Ed. Anhembi, S.A., 1958.

ANAIIS Científicos. Cidade Universitária "Armando de Salles Oliveira", Anais Científicos, ano XXII, no. 79, São Paulo, 1966.

ANHEMBI. *Ensaio Paulistas*. São Paulo, Ed. Anhembi, S.A., 1958.

ANTUNHA, Heládio Cesar Gonçalves. *USP. Fundação e reforma*. Tese de Livre-Docência de Filosofia da Educação, USP, 1971.

AZEVEDO, Fernando de. *As ciências no Brasil*. São Paulo, Melhoramentos, 1955.

_____. A Universidade de São Paulo. In: *Ensaio Paulistas*. São Paulo, Ed. Anhembi, S.A., São Paulo, 1958.

_____. A cultura científica. In: *A cultura brasileira*. Introdução ao estudo da cultura no Brasil. 4ª ed., Brasília, Ed. Universidade de Brasília, 1963.

_____. *História da minha vida*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1971.

BARROS, Roque Spencer M. de. *A ilustração brasileira e a idéia de universidade*. São Paulo, FFCL, USP, 1959.

BASTIDE, Paul Arbousse. Paul Arbousse-Bastide. In: *Língua e Literatura*, número comemorativo. São Paulo, FFLCH, USP, São Paulo, 1984.

CAMPOS, Ernesto de Souza. *História da Universidade de São Paulo*. São Paulo, USP, São Paulo, 1954.

(6) Antiquíssimos depósitos formados de montões de conchas, restos de cozinha e de esqueletos, amontoados por tribos selvagens que habitaram o litoral americano em época pré-histórica.

- CARDOSO, Fernando Henrique. Fernando Henrique Cardoso. In: *Língua e Literatura*, FFLCH, USP, São Paulo, 1984.
- CARDOSO, Irene Arruda Ribeiro. *A Universidade da Comunhão Paulista. O projeto de criação da universidade de São Paulo*. São Paulo, Ed. Cortês, 1982.
- COELHO, Ruy. Ruy Coelho. In: *Língua e Literatura*, número comemorativo. São Paulo, FFLCH, USP, 1984.
- DUARTE, Paulo. *Memórias. Selva Obscura*. São Paulo, Ed. Hucitec, São Paulo, 1976, vol. III.
- FERNANDES, Florestan. Os professores estrangeiros. In: *Educação e Sociedade no Brasil*. São Paulo, Dominus Editora/EDUSP, 1966, Cap. III, p. 213-216.
- _____. *O cientista brasileiro e o desenvolvimento da ciência*. São Paulo, USP, 1960.
- _____. *A questão da USP*. São Paulo, Brasiliense, 1984.
- _____. e FRANÇA, E. *O Relatório da Comissão Paritária*, São Paulo, 1959.
- FINEP/CPDOC. *História da Ciência no Brasil*. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1984. (Acervo de depoimentos).
- KRUSE, Beda. Desenvolvimento e importância das Faculdades de Filosofia no plano educacional brasileiro. In: *Kriterion*, Belo Horizonte, 1953.
- LOPES, José Leite. *Ciência e libertação*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1969.
- MENDES, Josué Camargo. *A Universidade de São Paulo*. Súmula de sua história. São Paulo, Publ. ACIESP, 1977.
- MESQUITA FILHO, Júlio de. *Política e Cultura*. Livraria Martins Editora S.A., São Paulo, Martins Ed, 1969.
- MORAIS MOREL, Regina Lúcia de. *Ciência e Estado. A política científica no Brasil*. São Paulo, T.A. Queiroz, 1979.
- REIS, José, 1976 - *Grandeza científica de São Paulo*. São Paulo, Publ. ECIESA, 1976, nº 1.
- SAWAIA, Paulo. *Esboço histórico da FFCL da USP 1934-1969*. São Paulo, USP, 1979.
- SCHWARTZMAN, Simon. *Formação da comunidade científica no Brasil*. São Paulo, Ed. Nacional; Rio de Janeiro, Finep, 1979.
- _____. *Ciência, universidade e ideologia*. Rio de Janeiro, Zahar, 1981.
- SOUZA, Antonio Candido de Mello e. O saber e o ato. In: *Língua e Literatura*. São Paulo, FFCLH, USP, 1984, número comemorativo.
- SOUZA, Gilda de Mello e. Gilda de Mello e Souza. In: *Língua e Literatura*. São Paulo, FFCLH, USP, 1984, número comemorativo.
- WITTER, José Sebastião. *USP/50 anos. Registro de um debate*. São Paulo, USP, 1984.
- Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. *Retrospectiva de publicações*. São Paulo, USP, 1961.
- USP, FFCL. *Anuário da FFCL*, USP, São Paulo, 1934-1935.
- USP, FFCL. *Anuário da FFCL*, USP, São Paulo, USP, 1936.
- USP, FFCL. *Anuário da FFCL*, USP, São Paulo, 1937-1938.
- USP, FFCL. *Anuário da FFCL*. São Paulo, USP, 1939-1949, 2 vol.

Relativa à contribuição italiana em Física:

- Accademia Nazionale dei Lincei. *Gleb Wataghin, Roma*, Biografie e Bibliografie degli Accademici Lincei, 1976.
- BASSALO, José Maria F. *Crônicas da Física*. Belém, Ed. da Univ. Federal do Pará, 1990.
- Boletim Informativo*. Entrevistas com o Prof. Gleb Wataghin. Instituto de Física Gleb Wataghin, Campinas, Unicamp, 1982, nº 227, 228, 229, 230.
- COSTA RIBEIRO, Joaquim. A Física no Brasil. In: Azevedo, Fernando de. *As ciências no Brasil*. 1955, vol. I.
- FINEP/CPDOC. Gleb Wataghin. In: *História da Ciência no Brasil*, 1984, p. 74-77 (Acervo de depoimentos).
- HAMBURGER, Ernst Wolfgang (org.). *Exposição comemorativa do cinquentenário da descoberta dos "chuveiros penetrantes" nos raios cósmicos*, São Paulo, Depto. de Física Experimental do Inst. de Física da USP, USP/Fapesp/Cnpq, 1990.
- JANOSSY, L. Cosmic Rays. Oxford, Clarendon Press, 1948, p. 26-29, e p. 347-350
- JANOSSY, L. *Cosmic Rays and Nuclear Physics*. London, The Pilot Press, 1948, p. 159-160.
- MONTGOMERY, D.J.X. *Cosmic Ray Physics*. Princeton, Princeton University Press, 1949, p. 242-243.

MORAIS, Abraão de, e Toledo, Paulo S. *Desenvolvimento da Física em São Paulo*. In: *Ensaio Paulistas*, São Paulo, Ed. Anhembi S.A., 1958.

REGGE, Tullio. *Pioniere del cosmo*. Torino, La Stampa, 11.10.1986.

SALA, O., e Wataghin, G. *The Physical Review*, 67, 1945, pp. 55-56.

SCHENBERG, Mário. Mário Schenberg. In: *Lingua e Literatura*. São Paulo, FFCLH, USP, 1984, número comemorativo.

SCHWARTZMAN, Simon. Gleb Wataghin e a física dos raios cósmicos. In: *Formação da comunidade científica no Brasil*, 1984, p. 251-258.

WATAGHIN, G.; Souza Santos, M.D.; Pompéia, P.A. *The Physical Review*, 57. 1940, p. 61.

_____; Souza Santos, M.D.; Pompéia, P. A. *The Physical Review*, 57. 1940, p. 339.

_____; Souza Santos, M.D.; Pompéia, P. A. *the Physical Review*, 59. 1941, p. 902-903.

Gleb Wataghin. *O criador da física no Brasil*. Trata-se de um recorte de jornal que não consegui identificar. Pelo texto, se entende que o artigo foi publicado por ocasião da vinda do prof. Wataghin para a inauguração do Instituto de Física "Gleb Wataghin" da Unicamp, em 1971.

Relativa à contribuição italiana em Matemática:

CASTRO, Francisco Mendes de Oliveira. A Matemática no Brasil. In: Azevedo, Fernando de. *As ciências no Brasil*, 1955.

DIAS, Candido Silva. Candido Silva Dias. In: *Lingua e Literatura*. São Paulo, FFCLH, USP, 1984.

Relativa à contribuição italiana nas Letras:

BETTARELLO, I. e Bosi, A. Encontro com Ungaretti. In: Bosi, A. *Céu, Inferno - Ensaio de crítica literária e ideológica*, São Paulo, Ática, 1988.

Letteratura Italiana Contemporanea, setembro-dezembro. Roma, Lucarini, 1990.

LUTI, Giorgio. *Invito alla lettura di Ungaretti*. Milano, Mursia, 1974-1981.

MENDES, Murilo. Testimonianza. In: *Giuseppe Ungaretti. Il taccuino del vecchio*. Milano, Arnoldo Mondadori, 1960.

PICCIONI, Leone. *Per conoscere Ungaretti*. Milano, Mondadori, 1972.

_____. *Vita d'un poeta, Giuseppe Ungaretti*. Milano, Rizzoli, 1970.

SOUZA, Antonio Candido de Mello e. Ungaretti a São Paulo. In: *Giuseppe Ungaretti. Il taccuino del vecchio*, Milano, Arnoldo Mondadori, 1960.

_____. *Entrevista sobre sua amizade com Ungaretti*, São Paulo, jun/1991.

_____. *Entrevista sobre os professores estrangeiros na época da fundação da USP*. São Paulo, jul/1991.

STEGAGNO PICCHIO, Luciana. *Semantica di Ungaretti*. Roma, Bulzoni Editore, 1973.

UNGARETTI, Giuseppe. *Discurso de Ungaretti na Faculdade de Filosofia, ao receber o título de doutor honoris causa*. São Paulo, USP, 1967. (A cópia do discurso, traduzido por Ítalo Bettarello, me foi cedida gentilmente por Antonio Candido).

_____. *Texto Bizzarri*. Texto inédito que foi cedido pelo prof. Edoardo Bizzarri ao prof. Teodoro Negri, da Universidade de São Paulo (sem indicação de data).

_____. *Invenzione della poesia moderna - Lezioni brasiliane di letteratura*. (Org) Paola Montefoschi, Napoli, Edizioni Scientifiche Italiane, 1984.

_____. *Il deserto e dopo*. Milano, Mondadori, 1961.

Ungaretti, Giuseppe. *Vita d'un uomo, Tutte le poesie e Saggi e Interventi*, Milano, Arnoldo Mondadori Editore, 1969.

Relativa à contribuição italiana em Mineralogia, Petrografia, Geologia

LEONARDOS, Othon Henry. A Mineralogia e a Geologia no Brasil. In: Azevedo, Fernando de. *As ciências no Brasil*, 1955.

LEINZ, Viktor. A Geologia e a Paleontologia no Brasil. In: Azevedo, Fernando de. *As ciências no Brasil*, 1955.

Filmografia:

TASSARA, Marcelo. *O Brasil, os Índios e, finalmente, a USP*, produção Eda Tassara, Marcelo Tassara, e Fundação do Cinema Brasileiro. São Paulo, USP, 1988.

Agradecimentos

- Pelas entrevistas: Antonio Candido, Eda Tassara, Marcelo Tassara, Nylza de Oliveira Salgado, Ottaviano de Fiore
- Pelo material gentilmente cedido: Antonio Candido, João Baptista Borges Pereira, Marcelo Tassara, Nelson Fiedler Ferrari, Nylza De Oliveira Salgado, Teodoro Negri
- Pela leitura e revisão do texto: Carmen Sylvia Guedes, Claudia I. R. Signorini, Liliana Laganá, Loredana de Stauber Caprara
- Pelos contatos: Oswaldo Humberto Leonardi Ceschin